

Megan Maxwell

Alguém como Tu

Tradução
Cristina Dionísio

 Planeta

Para todas aquelas pessoas que acreditam no amor,
na magia do momento, e sabem ouvir o seu coração
quando este lhes diz «sim», «não» ou «talvez».
E, claro, para as minhas Guerreiras Maxwell, umas
grandes apaixonadas pelo amor de quem gosto
mais e mais a cada dia que passa.
Espero que gostem deste livro!

MEGAN MAXWELL

Capítulo 1

Danço...

Canto...

Divirto-me...

E, de caminho, faço olhinhos a Greg, o guitarrista que toca no palco ao lado da minha amiga, a famosa cantora Yanira, e sei que tenho uma boa noite pela frente.

Estamos no Oregon, na última cidade da digressão de Yanira e, como Joaquín, o meu ex, está com a nossa filha Candela – a minha *Gordincesa*, para mim – e tenho um par de dias livres no restaurante onde trabalho, apanhei um avião e vim para estar com Yanira.

Enquanto a vejo cantar e dançar com os seus bailarinos, sorrio. A cachopa é mesmo boa no que faz!

Ainda me lembro dos seus começos a cantar nos hotéis de Tenerife e depois no barco onde conheceu o incrível Dylan, o homem da sua vida.

E agora, olhem para ela, é uma estrela a nível mundial e estou muito, mas muito orgulhosa dela.

Ai, a minha túlipa, ela vale muito... muito... muito!

Greg olha outra vez para mim. Está mesmo *sexy* esta noite com aquele colete por cima da *T-shirt*. Entendemo-nos sem que nenhum de nós fale. Não é a nossa primeira noite juntos, nem tão-pouco será a última, mas se há algo bem claro para os dois é que, assim que o sexo acaba, ele vai à sua vida e eu à minha. Zero complicações.

Parece mentira que eu hoje pense assim, mas é o que temos!

Eu, que era a tia mais romântica do mundo e que mais acreditava nos contos de fadas, depois de a vida me trazer um par de reveses assim para o fortzinho no que diz respeito ao género masculino, acabei por acreditar que o romantismo e tudo aquilo por que sempre suspirei é coisa dos romances que tanto gosto de ler e de uns quantos felizardos entre os quais não me encontro.

Sei que certas pessoas que nem tenho o prazer de conhecer me criticam. Coitadinha da minha mãe, como ela sofre por vezes quando chegam zonzuns a Tenerife. Mas a esses críticos ressentidos que não acham bem o que faço nem como respiro, só lhes digo: que vão levar aonde levam as galinhas! Ou seja, no cu.

E se digo isto é porque a vida é muito curta para ser vivida a sofrer e a preocuparmo-nos com o que os outros vão pensar. A vida é para se viver e gozar porque amanhã cai-nos uma pedra na cabeça e vamos fazer tijolo para o resto da eternidade.

Portanto, e posto isto, cheguei à conclusão de que, vendo a minha filha feliz e os meus amigos e a minha família, que este ou aquele me ache uma ordinária, grosseira ou má pessoa não me vai tirar um segundo de felicidade, porque tenho bem claro que, enquanto eles perdem a sua vida a falar de mim, eu vivo ao máximo e usufruo dos bons momentos.

E usufruo deles porque, desde que deixei o idiota do Toño, que foi o namorado com quem estive mais tempo, passaram pela minha vida diferentes tipos de labregos que me fizeram dar-me conta de que, no que toca a sexo, devo pensar primeiro em mim, a seguir em mim e depois outra vez em mim e, claro está, esquecer-me do romantismo. Olhem... cada qual que aguente as suas. Eu, desde que tenha o meu coraçãozinho blindado, me divirta e cuide da minha filha, estou servida!

E digo que estou servida porque, depois da banhada que levei com Joaquín, o pai da minha menina, Candela, não quero voltar a sofrer. Iludi-me, abri-me a ele e, zás!, aterrei de cara no chão, embora reconheça que é um bom pai e, de certo modo, um bom amigo hoje em dia.

Por sorte, Joaquín e eu não chegámos a casar. Meu Deus, as vezes que terei sonhado com o meu casamento desde que era adolescente... Mas sim, sonhar, tenho até uma fotografia guardada do vestido de noiva mais bonito que alguma vez vi na vida e que nunca usarei.

Recordo-me que, quando conheci Joaquín, o pai da minha *Gordincesa*, no restaurante onde os dois trabalhávamos, ele deixou-me *KO*.

E não me deixou *KO* por ser atraente, nem pelos bíceps que tinha; pelo contrário, Joaquín é o «anti» todas essas coisas. Quer dizer, ainda me pergunto: o que me chamou a atenção nele? Porque, sejamos sinceros, eu não sou grande coisa, sou mais assim para o normal, mas gosto de tipos altos, grandalhões e *sexy*, e Joaquín é meio careca, baixinho e, se puxarem por mim, poderia até dizer que é gorducho. Ainda assim, reconheço que, até a nossa filha ter nascido, ele, absolutamente tudo nele, me enlouqueceu com as suas atenções e o seu carinho.

Mas, claro, devo ser um zero à esquerda no que toca ao amor e, mal nasceu Candela, o Joaquín atento e carinhoso que me fazia gritar na cama «Viva o Peru!» esfumou-se e só restou entre nós uma bonita amizade, além de uma filha linda por quem repetiria passo a passo a nossa relação.

O meu peruano passou de um homem que olhava deslumbrado para mim a um que não me olhava de todo. Passou de beijar-me apaixonadamente a preferir dormir abraçado à sua almofada com paixão. Em suma, para ele deixei de ser a mulher da sua vida, assumi-o, e fomos cada um para o seu lado. Era o melhor para os dois.

Uma coisa é certa, quando me separei, aconteceu-me o mesmo que quando me separei de Toño. Passei de ser a mulher mais fiel do mundo à mais louca no que diz respeito a relações sexuais, e desde então gritei «Viva o Havai!», «Viva o México!», «Viva o Canadá!» e muitos mais vivas, porque quis e porque, que diabos!, sou solteira e faço o que quero com o meu corpo!

Não tenho de prestar contas a ninguém, e admito que dá gozo poder fazer sempre o que me apetece, ainda que, quando olho para as minhas amigas e as vejo com os seus maridos, tão felizes e apaixonadas, uma pontada de inveja me corroa por dentro.

Mas não quero namorados...

Não quero promessas...

Não quero que mais ninguém volte a partir-me o meu maltratado coração...

E, por isso, decidi virar-me para tipos como Greg, que não ligam a nada, que se estão nas tintas para o que pensam deles e, em especial, que sabem tão bem como eu o que querem e...

– Ei! – protesto ao sentir um empurrão.

Ao virar-me, vejo duas rapariguitas de não mais de vinte anos com *T-shirts* da digressão de Yanira a gritarem como histéricas. Observo-as divertida; a juventude é mesmo maluca!

Instantes depois aparece Andrew, o chefe da segurança, e vejo-o dar ordens a uns rapazes para que reforcem a vigilância. Quando Yanira parte em digressão, contrata-o sempre como chefe de segurança, e eu, sempre que vou a algum concerto, vejo-o e desfruto das vistas que me proporciona.

Sem tempo a perder, agarro nas duas raparigas que vão saltar para o palco para se lançarem sobre a minha Yanira e uma delas tenta dar-me um murro na cara para se libertar. É mesmo...! Felizmente, esquivo-me e a grande parva rebenta o punho contra uma viga. Que se lixe!

Estou a lidar com as duas feras quando Andrew chega ao pé de nós seguido por dois gorilas. Santo Deus, por que gosto tanto deste homem?

Os dois gorilas encarregam-se das miúdas histéricas e levam-nas. A seguir, Andrew levanta-me o queixo e, olhando-me com profissionalismo, pergunta:

– Magoaram-te?

– Não. – Sorrio ao mesmo tempo que me desfaço por dentro.

Andrew excita-me. Excita-me muito, mas disfarço. Não quero que se dê conta da fraqueza tonta que sinto por ele.

– De certeza? – insiste.

Rio-me. Ai, que querido!

– Sim, não te preocupes – afirmo. – Estou bem.

Andrew olha para mim, procura alguma marca no meu rosto e, ao não a ver, sinto que respira aliviado. Sou a melhor amiga de Yanira, a sua chefe, e não deve querer queixas da minha parte, quando na realidade a minha única queixa é que não me liga nenhuma e me deixa aparvalhada.

Ainda me lembro da primeira vez que reparei nele.

Estávamos a escolher os vestidos de noiva das minhas amigas Ruth e Tiffany e ele vigiava a porta da loja. Recordo-me que bastou olhar para ele e um estranho calafrio percorreu o meu corpo, e não descansei enquanto não dormi com ele.

Sou assim. Clara e directa.

Como estou sem parceiro, se um homem me agrada, dou-me ao luxo de fazer o que me der na real gana, porque no meu corpo só mando eu. No entanto, dessa vez Andrew deixou-me bem claro, mesmo antes de... que, uma vez terminada a noite, não repetiríamos, e eu aceitei. Nunca pensei que me fosse arrepender tanto de ter aceitado.

Mas, claro, está visto que o impossível, o difícil e o inalcançável é o que me dá mais pica e o que costumo gostar mais. Sou mesmo complicadinha.

Depois daquela gloriosa noite, nunca mais voltou a aproximar-se de mim da maneira que eu gostaria. Limita-se a ser simpático comigo quando me vê e respeita-me por ser a melhor amiga da sua chefe e de Ruth, uma amiga comum e cunhada de Yanira.

De repente, várias bailarinas do espectáculo saem do palco e, no momento em que uma delas, a ruiva, passa por nós, Andrew olha para ela, sorri-lhe com ar de sacana e pergunta-lhe:

– E então?

Ela também lhe sorri, pestaneja e, aproximando-se dele como uma loba, afirma sem se importar com a minha presença:

– A resposta é sim.

Andrew assente. Observo como, sem a tocar, a deixa taquicárdica, e por fim diz:

– Quarto 438. Espero por ti.

A ruiva sorri e vai-se embora a correr para trocar de roupa enquanto a minha amiga Yanira, no palco, canta uma bonita balada, e acabo de ficar a saber o número do quarto de Andrew e estou capaz de comprar uma peruca ruiva, trancar aquela tipa em algum lado e ir lá eu em vez dela.

Que cena... que cena!

E como eu sou, como diz Yanira, uma desbocada e não consigo manter o bico fechado, pergunto:

– A repetir?

Andrew sorri. Percebe a minha pergunta, e indica com arrogância:

– Nunca repito.

Depois, sem olhar para mim, segue a ruiva com os olhos. Que descarado!

Nesse instante, outro dos seus gorilas vem ter connosco e começa a falar com ele.

Sem me intimidar, porque eu também sou uma descarada, avalio-o com o olhar. Andrew é alto, musculoso, moreno, de cabelo assim para o comprido e tem uns olhos escuros que, como diria a minha amiga Charo, de Sevilha, nos tiram do sério! Tem as mãos grandes, as pernas compridas e... enfim, não vejo defeitos nele. Bom, sim, vejo um: não lhe agrado.

– Se estás bem, então vou indo – diz-me depois de falar com o gorila, que se vai embora. – Hoje as fãs de Yanira estão descontroladas e a dar-me muitos problemas.

Sorrio, ele pisca-me o olho, dá meia volta e afasta-se de mim com aquele seu modo de andar tão particular, como se tivesse acabado de desmontar de um cavalo.

Sem nenhum tipo de dissimulação, sigo-o com os olhos.

Meu Deus, como gosto daquelas vistas e da sua insolência ao caminhar.

Mas, como sou uma mulher que gosta de si, que se valoriza e não deseja sofrer, assim que aquele docinho desaparece, decido não dar cabo da cabeça com coisas que nunca serão possíveis e volto a olhar para Yanira e para Greg e começo a dançar disposta a divertir-me.